

Universidade Federal de Campina Grande
Disciplina: Informática e Sociedade
Professor: Robert Menezes
Curso: Ciência da Computação
Aluno1: Cilas Medeiros de Farias Marques
Aluno2: Brenno Harten Pinto Coelho Florêncio

F4 - Resumo capítulo 4 - Freire

Texto: Memória, história e tecnologia.

A tecnologia não está relacionada apenas a cultura material ou a um conjunto de máquinas em desenvolvimento na atualidade, mas também ao meio social em que ela se cria e é desenvolvida. Ademais, ela acompanha e molda o processo de desenvolvimento ideológico do homem, fazendo que haja uma tecnologia humana antes de haver uma tecnologia material. Dessa forma, a tecnologia se dá num sentido muito mais amplo do que o conjunto de técnicas e produtos diretamente ligados à sobrevivência material.

É inegável que, sendo algo intrínseco à sociedade, a tecnologia pode ser percebida e analisada por diversos de seus aspectos. Freire, no decorrer do texto, apresenta um ponto que aborda a existência de três tipos de tecnologia, destacando, porém, apenas a importância de uma, a simbólica. Referente aos processos e modos de percepção e de inteligência, concepção da realidade natural e social, e de avaliação, as tecnologias simbólicas são concebidas de forma a influenciar e mesmo a construir as maneiras como aprendemos, ensinamos, percebemos o mundo em nosso entorno e como percebemos a nós mesmos. Assim, sendo uma forma objetiva na qual a subjetividade humana se constitui, ou seja, resumindo-se a uma maneira de mediação social, objetiva, em que se é atribuída o caráter da subjetividade.

Nesse sentido, na contemporaneidade, onde o novo envelhece rápido, a percepção criada do mundo encontra-se sempre em processo de atualização. As memórias, constituídas por um conjunto de experiências passadas que se armazenam de alguma forma, e que são reproduzidas diariamente no presente através de uma comunicação, começam a se tornar formas de armazenamento volátil. Ademais, devido ao bombardeamento diário de informações, as experiências cotidianas passam rápido, fazendo com que se olhe apenas para o presente, tentando impor ao futuro os momentos “atuais” como sendo “momentos históricos”.

Dessa maneira, a história não é idealizada como um conjunto de memórias passadas que podem ser úteis ao presente, mas sim, como algo que aconteceu num tempo atrás e não se adapta às situações contemporâneas, tornando um dos maiores desafios da contemporaneidade, atender as dificuldades atuais e remotas moldadas no decorrer da história. Afinal, a memória de hoje é esquecida, as experiências passadas não recebem a importância que deviam, o pensamento atual fica mais preocupado com o futuro incerto do que com o passado recheado de experiências, visando criar algo que o amanhã muitas vezes ignora: o próprio passado.

A valorização das culturas remotas, os patrimônios culturais, encontram-se avançando para um estado de valorização das dimensões intangíveis de uma cultura. As informações que estão sendo preservadas não são concretas, ou seja, não são materiais e sim memórias. Isso não quer dizer que a produção da cultura imaterial se coloca em oposição à cultura material. Entretanto, as práticas da memória no sentido de valorizar as práticas sociais, as representações coletivas dos lugares e saberes, ganham muito mais força em uma época onde a informação é de fácil acesso ao mundo todo.

Devido a velocidade da atualidade, o culto a juventude eterna e a lugares que parecem não envelhecer, onde homens não são capazes de deixar suas marcas, trazem uma reflexão sobre o sentido do desenvolvimento tecnológico e de sua obsolescência programada em todos os níveis. Afinal, o homem, a cada dia que passa, sofre uma gigantesca influência de um sistema volátil, onde as pessoas que deixam marcas históricas são aquelas que são valorizadas por seus bens ou descobertas e não por serem o que são ou por sua bagagem. A vontade dessa valorização abordada pelo sistema, faz com que as pessoas, muitas vezes, deixem passar momentos únicos da vida e se tornem cada vez mais alienadas à todo o avanço tecnológico, preocupando-se em armazenar uma memória numa fonte externa, ao invés de vivenciá-la.

Contudo, há que se considerar que memória é mais que só “esquecer e lembrar”, ela permite resgatar o que não se atualizou, pois é comum esquecer de alguns momentos para lembrar de outros, mas esse esquecimento, que pode romper com a tradição, é o que começa a dar entrada na desumanidade. Por exemplo, o passado que se percebe em uma obra de arte como historiografia inconsciente do sofrimento acumulado, é a tentativa de inscrever, no presente, um apelo para que o futuro seja diferente, um futuro que não perenize a injustiça do passado. Daí a necessidade de despertar no passado as “centelhas da esperança”, procurando resgatar o que não se atualizou.

Freire destaca também, que somos herdeiros de uma tradição iluminista que bane a tradição para o terreno do pré-científico, do mito, da ausência de crítica, onde todas as tradições mesmo sendo racionais, são baseadas somente em sentimentos e emoções, desconsiderando o pensamento racional e científico. Assim, criando-se uma intolerância da modernidade quanto ao que se trata de tradicionalismo, em um mundo onde objetos e pessoas são descartáveis. Porém, da mesma forma que a tradição foi colocada em contradição com a racionalidade, a racionalidade tem suas raízes agregadas à tradição, e é nessa interligação ilógica, que está presente a relação entre o arcaico e o novo.

Contudo, é perceptível também a avidez do novo e a fetichização da mercadoria, onde, quando algo não é socialmente considerado interessante à produção e ao consumo, este algo não é válido e é esquecido. Da mesma forma, no tradicionalismo, o novo é algo repudiado, muitas vezes, ameaçador as tradições e costumes de um povo, acarretando na desconsideração de avanços e inovações que podem revolucionar a vida social. Logo, pode-se avaliar o quanto é irracional o recalcamento em torno da tradição, à vista que, tanto no tradicionalismo, quanto na busca de começar tudo a partir de uma nova racionalidade, há-se um medo da vitalidade do que é morto, da potencialidade daquilo que é considerado inútil e descartável, e um receio de usar-se da memória histórica para mediar o conflito dessas duas vertentes.